Dia 8 — São Godofredo, Bispo de Amiens

Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Cláudio, Nicóstrato, Sinforiano, Castório e Simplício, em Roma, na via Labicana, a três milhas de distância da cidade; os quais primeiro foram encarcerados, depois cruelmente açoitados com escorpiões e, perseverando constantes em confessar a Cristo, por mandado de Diocleciano foram lançados ao rio. (Veja-se sua notícia juntamente com a seguinte dos quatro santos Mártires Coroados.)

O triunfo dos quatro santos mártires Coroados, Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino, irmãos, na mesma via Labicana; os quais, no tempo do mesmo Imperador, foram açoitados com cordéis emplumbados até expirar. Não se tendo podido por então averiguar seus nomes, que anos adiante se souberam por divina revelação, ordenou-se que todos os anos se celebrasse sua festividade neste dia, sob a invocação dos quatro Santos Coroados; com cujo título tem prosseguido a Igreja honrando sua memória ainda depois que se descobriram seus nomes. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo Adeodato ou Deusdedit, papa, em Roma; cujo mérito foi tal para com Deus que sarou um leproso com só beijá-lo. (Foi eleito Sumo Pontífice e consagrado no dia 13 de novembro do ano 614; trabalhou na regulação da disciplina e deu excelentes regulamentos em favor da Igreja, distinguindo-se muito especialmente por sua inesgotável caridade com os enfermos pobres. Morreu pelos anos de 617.)

São Willehado, em Bremen, primeiro bispo desta cidade; o qual, junto com São Bonifácio, de quem era discípulo, pregou o Evangelho na Frísia e na Saxônia. (Tal era seu fervor nos exercícios de penitência que foi precisa uma ordem do papa Adriano para que comesse um pouco de peixe, a fim de reparar sua quebrantada saúde. Cada dia rezava todo o Saltério, socorria a muitos necessitados, celebrava o santo sacrifício e pregava a palavra de Deus ao povo.)

São Godofredo, bispo de Amiens, em Soissons, na França, varão de eminente santidade. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Mauro, bispo e confessor, em Verdun. (Este Santo é conhecido também pelos diversos nomes de Vano, Viton e Vidano; nasceu nas Gálias no século V e, tendo abraçado a vida monástica, pelos

anos de 498 foi elevado à cadeira episcopal de Verdun. A opinião que adquiriu de santidade foi confirmada com muitos milagres. Morreu pelos anos de 523. A célebre Congregação dos Beneditinos, tão esclarecida na França por seus importantes trabalhos religiosos e literários, tem o nome deste São Mauro.)

São Claro, presbítero, em Tours, cujo epitáfio sepulcral escreveu São Paulino. (Foi discípulo de São Martinho, bispo de Tours, em cuja escola subiu ao mais alto grau de virtude. Uma noite viu em sonhos Santo Severo Sulpício, bispo de Bourges, segundo ele mesmo o testifica numa carta ao diácono Aurélio, a São Martinho subir ao céu banhado de um grande resplendor, acompanhado de seu discípulo Claro, que pouco antes havia morrido, e logo chegou a notícia do trânsito de ambos os Santos, acaecido no ano de 397.)

São Godofredo, Bispo de Amiens

Nasceu São Godofredo de pais nobres, ricos e caritativos. Seu pai se chamou Frondon e sua mãe Isabel. Tiveram-no como por milagre, concedendo-lho Deus a suas orações quando já estavam avançados em idade. Encheu de gozo a todo o país o nascimento daquele ditoso menino. Foi seu padrinho de Batismo, e lhe pôs seu nome, Godofredo, o abade do monte de São Quintino de Péronne, sujeito muito ilustre, tio da bem-aventurada Ida, condessa de Bolonha e mãe de Godofredo de Bulhão, rei de Jerusalém. Sendo o menino de idade de cinco anos, admitiu-o seu padrinho em seu mosteiro. Que fruto não se devia esperar de uma terna planta que a tão bom tempo ia ser regada com o orvalho celestial no campo da Religião! Desde logo deu grandes indícios de sua futura eminente santidade; porque, tendo-o picado uma garça entre os dois olhos com tanta violência que naturalmente havia de perder ou a vida ou a vista, o terno taumaturgo invocou o nome de Jesus Cristo, fez o sinal da cruz sobre a ferida e logo desapareceu, ficando-lhe só uma leve cicatriz, sem deformidade, como para visível testemunho do prodígio que havia obrado o Senhor. Aonde não chegaria um menino que começava a carreira da virtude fazendo milagres? Ao passo que adiantava em idade, adiantava também em perfeição. À maneira que uma terra abrasada dos raios do sol abre suas entranhas sedentas para receber a chuva do céu, abria-se aquela formosa alma às divinas influências para receber em seu coração o precioso orvalho da graça. Considerava-o seu abade como um ameno e fecundo campo, cujas flores prometiam uma copiosa messe, e costumava dizer o que o Espírito Santo disse de Santo Estêvão, que seu semblante parecia ao de um Anjo do céu. Era menino, e em seus costumes mostrava todo o siso e toda a prudência da idade madura. Empregava a noite em oração e o dia no estudo e em cantar os divinos louvores. Derramava Deus tantas luzes naquela pura alma, inundava-a de tantos consolos, que em seus discursos se conhecia a plenitude das primeiras e em suas doces lágrimas a abundância dos segundos. Quando chegou aos vinte e cinco anos, quis seu abade que se ordenasse sacerdote, em cujo preceito teve muito que sacrificar sua humildade. Pouco depois que recebeu o caráter sacerdotal, tanto o arcebispo de Reims como os prelados da província, desejosos de ver renovada a observância no mosteiro de Nossa Senhora de Nogent, elegeram-no por seu abade. Achou tudo cheio de confusão: a igreja arruinada, as celas quase por terra, alienadas as rendas, coberto de sarças e de mato o recinto do mosteiro. Não o acovardou aquele lastimoso

espetáculo; reparou a igreja, fabricou novos dormitórios, recobrou as rendas usurpadas e proveu às necessidades dos monges com tanta prudência que se conheceu claramente andar a mão de Deus com o novo José. Fez mais: tornou a entabular a observância regular com tanta perfeição que o mosteiro de Nogent se fez um dos mais famosos do país. O santo Abade era modelo de penitência: seu maior regalo eram umas ervas cozidas com um pouco de sal. Quis o cozinheiro em certa ocasião temperá-las com não sei que mais e foi severamente repreendido. Fazia frequentes práticas a seus monges, todas eficazes e cheias de moção. Alentava-os ao exercício de todas as virtudes, exortava-os ao menosprezo das coisas do mundo e lhes ensinava a viver unicamente para o céu: sabia condescender prudentemente com os fracos, sem que a condescendência degenerasse em falta de vigor. Imitava a prudência do governo divino, em que se junta a fortaleza com a suavidade. Comunicou-lhe Deus o poder de Elias, e à sua oração se desatavam as nuvens e caía do céu a chuva. Voava sua fama por toda a França; e, tendo renunciado voluntariamente seu bispado Gervino, bispo de Amiens, o clero e o povo puseram os olhos em Godofredo para ocupar aquela sé. Resistiu-se por largo tempo; mas rendeu-se enfim ao preceito do cardeal Ricardo, legado apostólico, que presidia o concílio de Troyes. A nova dignidade só serviu para fazer mais visível sua modéstia e mais sobressalente sua terna compaixão dos pobres. Não se via fausto em seu traje; notava-se em seus móveis uma humilde simplicidade, e sua mesa era tão frugal no palácio como no mosteiro. As portas de seu palácio estavam abertas aos miseráveis: recebia os pobres, lavava-lhes os pés, servia-os por suas próprias mãos; era o consolo das viúvas, o pai dos órfãos e o protetor dos desvalidos. Nem os mesmos leprosos, por asquerosos que fossem, eram excluídos de sua caridade, em cujo dilatado seio encontravam lugar todos os infelizes. Entre seus esfarrapados trapos, entre as enfermidades mais fedorentas, descobriam os olhos de sua fé uma alma racional, criada à imagem de Deus e redimida com o sangue do Filho de Deus, e isto excitava seu zelo e era objeto digno de seu amor. Considerava a prelazia, não como dignidade, mas como um trabalhoso ministério que o ligava à salvação do próximo com tantos laços como ovelhas tinha. Aplicou-se com todo o seu empenho à reforma do clero e a desarraigar todos os vícios. Este vigor pastoral lhe granjeou alguns inimigos. Presentearam-no em certa ocasião com vinho envenenado; mas descobriu-o com luz do céu; e por outra parte, que podia temer um homem acostumado a não temer mais que a Deus? Tão vantajosa é a morte para os homens apostólicos como o era para o apóstolo São Paulo. São os Santos aqueles homens de quem diz Santo Agostinho que sofrem a vida com paciência e esperam a morte com alegria. Deu grandes provas de seu zelo e de sua tenacidade. Tendo ido a Saint-Omer para cumprimentar Roberto, conde de Flandres, que se havia retirado ali a passar as festas de Natal, foi recebido do Conde com grande distinção, e este lhe suplicou que celebrasse em sua presença de pontifical aquela grande solenidade. Fê-lo o Santo; mas, advertindo que alguns senhores se achegavam com indecência ao altar para oferecer, cheio de uma santa indignação, não quis admitir suas ofertas: o que lhes fez tanta impressão que, por não se privarem da bênção de homem tão santo, revestiram-se daquela modéstia, respeito e compostura que pede a Igreja a seus filhos quando se aproximam do santuário. Estendeu-se por toda a Europa a notícia desta vigorosa ação com muita glória de Godofredo. Sentindo cada dia mais o peso da carga pastoral, suspirava por algum retiro que o descarregasse dela. Com este pensamento fugiu secretamente à Grande Cartuxa, com resolução de acabar nela seus dias em silêncio, em mortificação e em esquecimento de todas as coisas do mundo. Como os vizinhos de Amiens não o viam voltar, recorreram por outro bispo ao concílio de Beauvais, que se celebrou pouco depois; mas os deputados não receberam outra resposta que uma severa repreensão por se

haverem feito indignos do governo de tão santo Prelado, despedindo-os o Concílio cheios de confusão e de vergonha, obrigando-os a que o buscassem em qualquer parte onde estivesse e protestando-lhes que, enquanto vivesse Godofredo, não tinham que esperar outro bispo. Ao mesmo tempo chegou ao Concílio uma carta do Santo fugitivo, em que se declarava indigno do bispado e suplicava humildemente aos padres que lhe admitissem a renúncia e colocassem outro em seu lugar. Esta humildade tirou lágrimas de ternura aos padres do Concílio; mas, transferido este a Soissons, tão longe esteve de condescender com sua instância que lhe despachou por deputados a Henrique, abade de São Quintino, e a Humberto, célebre monge de Cluny, com ordem de que o trouxessem consigo. Viu-se obrigado a obedecer e, saindo de sua amada solidão com o corpo, deixou nela o coração. Foi recebido em Amiens com o mesmo regozijo com que o havia sido em sua primeira entrada. Voltou a pregar com vigor e a declamar zelosamente contra as desordens; mas nem o exemplo de suas virtudes, nem o benefício de suas copiosas esmolas, nem suas palavras cheias do espírito de Deus foram bastantes para converter aquele povo endurecido. Era mister algum açoite de Deus para que abrisse os olhos. Desceu fogo do céu, que reduziu a cinza toda a cidade, menos a igreja de São Firmino, o palácio episcopal e algumas poucas casas. Havia-o profetizado São Firmino; havia-o anunciado o mesmo Godofredo: não quis o povo crê-lo, e foi consumida quase toda a cidade. Corrigiram-se por algum tempo; mas durou pouco a emenda; voltaram as desordens, e voltou o Santo a suspirar por sua solidão. Deu-lhe o Senhor a entender que se aproximava sua morte e que se acabaria logo sua peregrinação. Enquanto se chegava este ditoso dia, que havia de pôr fim às misérias desta vida e pô-lo em posse dos gozos da eternidade, quis fazer uma viagem a Reims para tratar certo negócio grave com Raul, o Verde, arcebispo daquela cidade. Caiu perigosamente enfermo no caminho, achando-se hospedado no mosteiro de São Crispim, o Grande; quis, sem embargo, prosseguir sua viagem; mas, agravando-se-lhe o mal perto do mosteiro, tornou a conduzi-lo a ele seu venerável abade restaurador. Logo que chegou, recebeu os Sacramentos por mão de Lisiardo de Crépy, bispo de Soissons; deu sua bênção a todos os monges, levantou os olhos ao céu e entregou sua alma ao Criador numa profunda paz. Diz-se que morreu virgem, e pode piedosamente crer-se que conservou até a morte a inocência batismal. Foi bispo somente onze anos e morreu no dia 8 de novembro de 1118, aos cinquenta de sua idade.

Santo Alvito, Bispo de Leão

Santo Alvito, chamado também Aloito, sucedeu no governo da igreja de Leão ao santo bispo Cipriano. Não consta se nasceu no reino mesmo de Leão ou no da Galiza; o mestre Sarmiento inclina a isto último e a que descendia dos Arias e de D. Aldosinda, a irmã de São Rosendo. O ser muito frequente naquele tempo este nome faz que por só ele não se possa averiguar quem foi o Santo, e muito menos sua profissão e os empregos que teve antes de ser promovido à dignidade episcopal. Talvez era este o diácono Alvito, que como notário assinou em Leão uma escritura de D. Fernando I e de sua mulher D. Sancha na era de 1081. Crê-se comumente que professou a vida monástica no mosteiro de Sahagún; Flórez assegura não ter sido monge neste, mas em Samos. O mestre Risco faz ver que Alvito, bispo de Leão, era distinto de Alvito, o que era abade de Sahagún pelos anos 1039.

Sendo Alvito abade do mosteiro de Samos, foi promovido ao bispado de Leão no ano 1037. Fez-se esta eleição não por morte mas por renúncia de seu antecessor Cipriano. Em seu tempo foi restaurada por D. Sancho, o Maior, a sé episcopal de Palência, e se lhe restituíram suas antigas possessões, que em grande parte se haviam agregado à de Leão no reinado de D. Ordonho II.

Da morte de nosso Santo em Sevilha e da revelação que dela teve por Santo Isidoro, falaremos no dia 20 de dezembro, na notícia da Trasladação das relíquias de Santo Isidoro à cidade de Leão. Logo que se sentiu enfermo, conhecendo que ia cumprir-se o que o céu lhe havia manifestado, recebidos com grande devoção os santos Sacramentos, encomendou a trasladação do corpo de Santo Isidoro a Ordonho, bispo de Astorga, e ao conde D. Nuno e aos demais senhores do reino que com ele haviam ido a Sevilha; e ao sétimo dia de sua enfermidade entregou a alma a Deus.

Seu corpo foi levado com o de Santo Isidoro a Leão. Ambos foram recebidos dos Reis, do clero e do povo com a devida solenidade: o de Santo Alvito foi depositado no templo de Santa Maria de Regla, sede antiquíssima dele e de seus predecessores. No manuscrito antigo da vida de Santo Isidoro, que se conserva na santa igreja de Toledo, diz-se que a esta igreja foi levado o corpo de Santo Alvito num cavalo de carga sem guiá-lo ninguém, e que isto o dispôs São Domingos, o abade do mosteiro de Silos, que se achava então em Leão, para apaziguar a contenda daqueles cidadãos acerca do templo onde havia de colocar-se aquele tesouro.

Colocaram-no ao lado do Evangelho. No ano de 1164 abriram seu sepulcro e o trasladaram a outra caixa. Em 1527 estas santas relíquias foram colocadas no alto, na mesma parte do altar-mor. Do que e de dois milagres que fez Deus pelos méritos de seu servo no dia de sua trasladação ficou memória na pedra que cobria seu sepulcro antigo e que se conserva metida na parede da capela dedicada aos santos mártires Fabiano e Sebastião.

Ainda que a santa igreja de Leão não reza de Santo Alvito, tem-no venerado sempre como Santo e lhe faz o mesmo obséquio que ao bispo D. Pelágio, cujo corpo está no lado oposto, incensando a ambos nos ofícios divinos, na missa, vésperas e matinas. Não se sabe fixamente o dia da morte de nosso Santo, ainda que consta que viveu até fins do ano 1063. Nos livros antigos de meses ou calendários da santa igreja de Leão põe-se o trânsito de Santo Alvito no dia 5 de setembro.

Os Quatro Santos Mártires Coroados, Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino

No tempo do imperador Diocleciano houve em Roma quatro irmãos, empregados todos, ao que parece, em ofícios honoríficos em Roma, todos cristãos e santos e desejosos de dar a vida por Cristo. Mandou-os prender o Imperador e levar diante de um ídolo de Esculápio; e, como os santos

irmãos fizessem burla dele, desnudaram-nos e os açoitaram com tal rigor com correias emplumbadas que neste tormento deram suas almas a Deus. Ordenou o tirano que seus corpos fossem lançados à praça, para que os cães os comessem; mas em cinco dias que ali estiveram não os tocaram, manifestando que os homens eram mais cruéis que as bestas feras. Vieram os Cristãos, tomaram-nos secretamente e os sepultaram num areal, na via Labicana, a três milhas de Roma. O papa Melquíades mandou que se celebrasse sua festa tal dia como hoje, o de seu martírio, com o nome dos Quatro Irmãos Coroados, porque se ignoravam seus nomes; ainda que depois foi revelado a um santo varão que se chamavam Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino. O papa Gregório Magno faz menção de uma antiga igreja destes quatro Mártires em Roma. O papa Leão IV, no ano de 841, mandou que fosse reparada e que se trasladassem a ela as relíquias destes Mártires desde o cemitério em que estavam na via Labicana. Tendo sido depois consumida num incêndio, tornou a edificá-la Pascoal II, em cuja ocasião foram descobertas as relíquias debaixo do altar em duas ricas urnas, uma de pórfiro e outra de mármore serpentino, depositadas ambas numa abóbada. No mesmo sítio foi erigido outro novo altar, e voltaram a encontrar-se as relíquias na mesma situação no tempo de Paulo V. Esta igreja é título muito antigo de cardeal presbítero.

Os santos mártires Cláudio, Nicóstrato, Sinforiano, Castório e Simplício, cuja memória celebra a Igreja no mesmo dia com os quatro santos Mártires Coroados, padeceram na mesma perseguição e foram sepultados no mesmo cemitério. Estes cinco Mártires eram escultores de profissão e, negando-se a fazer um ídolo, por não dar ocasião a ninguém de idolatrar, Diocleciano os mandou açoitar com escorpiões; e, como perseverassem constantes em sua santa resolução, foram lançados ao rio encerrados em caixas de chumbo, com cujo martírio alcançaram a coroa de imortalidade. Suas preciosas relíquias, depositadas primeiro na via Labicana, foram depois trasladadas à mesma igreja dos Santos Coroados por Leão IV, e nela se veneram hoje.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Godofredo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Godefridi, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, a súplica que vos fazemos na solenidade de vosso confessor e pontífice São Godofredo; e, assim como ele vos serviu com fidelidade, assim também nos livrai de todos os nossos pecados em atenção a seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da segunda do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses (o impresso traz «capítulo II»).

2 Tessalonicenses 3,10-13

> **Latim:** [10] Nam et cum essemus apud vos, hoc denuntiabamus vobis : quoniam si quis non vult operari, nec manducet. [11] Audivimus enim inter vos quosdam ambulare inquiete, nihil operantes, sed curiose agentes. [12] Iis autem, qui ejusmodi sunt, denuntiemus, et obsecramus in Domino Jesu Christo, ut cum silentio operantes, suum panem manducent. [13] Vos autem, fratres, nolite deficere benefacientes.

Português: [10] Porque ainda quando estávamos comvosco, vos denunciavamos isto: que se algum não quer trabalhar, não coma. [11] Por quanto temos ouvido, que andão alguns entre vós inquietos, que nada fazem senão indagar o que lhes não importa. [12] A estes pois, que assim se portão, lhes denunciamos, e rogamos no Senhor Jesu Christo, que comão o seu pão, trabalhando em silencio. [13] E vós, irmãos, não vos canceis nunca de fazer bem.

Reflexões

Não há coisa mais oposta à vida cristã que a vida ociosa da gente ociosa, e é a que compõe hoje a mais nobre e mais numerosa parte do mundo. Certamente, quando se pensa num fato que a moda e a licença têm feito hoje tão comum; quando por uma parte se nos representam os preceitos da Lei, as máximas de Jesus Cristo, e por outra essas pessoas mundanas que de todos os dias fazem dias de festa e de diversão; essas gentes criadas na vadiação e envelhecidas na ociosidade; quando se considera essa vida inútil de que se honram tantos e tantas, fazendo dela muita vaidade; dá vontade de perguntar se todos os fiéis que estão numa mesma igreja são de uma mesma religião; ou se, tendo todos uma mesma Lei, uns mesmos Mandamentos e um mesmo Evangelho, a gente nobre, a rica, toda aquela que faz figura e que faz algum papel no mundo, se todos estes têm algum privilégio particular que os dispense da Lei universal e das obrigações indispensáveis a todos os Cristãos? Coisa estranha! Aquele mesmo homem que numa fortuna mediana, confundido com o geral do povo, vivia cristamente e se julgava indispensavelmente obrigado a todos os preceitos da Lei; esse mesmo homem, depois que se viu com muitas comodidades; essa mesma mulher elevada já a outra classe, creem que para acreditar sua recém-nascida nobreza hão mister fazer profissão de vadiação e de ociosidade. Oh meu Deus, e que prova tão clara é do curto número dos escolhidos essa vida ociosa, inútil e regalada da maior parte da gente rica! Lembremo-nos de que é indigno de entrar no reino dos céus o que faz o que não

deve; mas tampouco é mais digno de entrar nele aquele que deixa de fazer o que está obrigado segundo sua condição: *Declinet a malo, et faciat bonum* (1Pd 3). Não basta guardar cuidadosamente o talento que se recebeu e não perdê-lo: o servo preguiçoso foi condenado porque não quis negociar com ele. A religião cristã não faz caso, para a conta, de títulos vazios, estéreis e sem fruto: ao tribunal do supremo Juiz somente nos acompanham nossas obras. Terão muitas que apresentar nele essas gentes do mundo, cujos dias são tão vazios? E se acharão então mais ricas muitas pessoas consagradas a Deus no estado eclesiástico e religioso depois de uma vida tão pouco ajustada à austeridade, à santidade e às obrigações de seu estado? Não poucas vezes introduzem-se até nos claustros a ociosidade e a vadiação, disfarçando-se em traje grosseiro e penitente. É certo que não habitam os desertos aqueles que vestem com delicadeza; mas não o é menos que o espírito de delicadeza se costuma achegar também mais de uma vez à solidão. Uma pessoa religiosa imortificada e menos observante, de necessidade há de ser pouco devota. À ociosidade acompanha ordinariamente a indevoção, e a delicadeza é o fruto mais natural da ociosidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 1 de novembro).

Mateus 5,1-12

> **Latim:** [1] Videns autem Jesus turbas, ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, [2] et aperiens os suum docebat eos dicens : [3] Beati pauperes spiritu : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [4] Beati mites : quoniam ipsi possidebunt terram. [5] Beati qui lugent : quoniam ipsi consolabuntur. [6] Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam : quoniam ipsi saturabuntur. [7] Beati misericordes : quoniam ipsi misericordiam consequentur. [8] Beati mundo corde : quoniam ipsi Deum videbunt. [9] Beati pacifici : quoniam filii Dei vocabuntur. [10] Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [11] Beati estis cum maledixerint vobis, et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, propter me : [12] gaudete, et exsultate, quoniam merces vestra copiosa est in cælis. Sic enim persecuti sunt prophetas, qui fuerunt ante vos.

Português: [1] EVENDO Jesus a grande multidão do povo, subiu a hum monte, e depois de se ter sentado, se chegárão para o pé d'elle os seus discípulos, [2] e elle abrindo a sua boca os ensinava, dizendo: [3] Bemaventurados os pobres de espírito: porque d'elles he o reino dos ceos. [4] Bemaventurados os mansos: porque elles possuirão a terra. [5] Bemaventurados os que chorão: porque elles serão consolados. [6] Bemaventurados os que tem fome, e sede de justiça: porque elles serão fartos. [7] Bemaventurados os misericordiosos: porque elles alcançarão misericordia. [8]

Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deos. [9] Bemaventurados os pacíficos: porque elles serão chamados filhos de Deos. [10] Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça: porque d'elles he o reino dos ceos. [11] Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós mentindo, por meu respeito. [12] Folgai, e exultai, porque o vosso galardão he copioso nos ceos: pois assim tambem perseguirão aos profetas, que forão antes de vós.

Meditação

Do exemplo dos Santos

Primeiro ponto

Considera que os Santos não somente são objeto de nossa veneração; também no-los propõe a Igreja por modelos que devemos imitar e por exemplares que devemos seguir. Não ignoramos qual foi a vida dos Santos, quais suas máximas, quanta a pureza de seu coração, quanta a conformidade de sua fé com a de seus costumes, até onde chegou sua devoção, sua mortificação e perseverança: sempre alerta contra os mais mínimos ímpetos do natural e das paixões; cada dia mais famintos e mais sedentos da justiça. O único objeto de toda a sua ambição era a perfeição evangélica, e seu modelo a vida de Jesus Cristo. Desterrados voluntariamente de todos os passatempos, proibiam-se até as mais fáceis diversões, temendo dar com elas alguma trégua a uns inimigos com quem todos os dias tinham que combater e a quem era preciso vencer; austeros sempre até nas mais indispensáveis necessidades da vida, continuamente se estavam acusando a si mesmos de que eram muito pouco mortificados. Uma modéstia doce e uma exterior apacível compostura era todo o adorno daquelas donzelas, daquelas senhoras cristãs que serão eterno, mas inútil assunto de inveja aos que não imitaram sua virtude. Deixar-se ver nos espetáculos profanos! Julgariam que se confundiam com os gentios e que faziam uma insigne injúria ao nome cristão. Que cuidadosas, Senhor! Que reservadas em tudo o que podia alterar a caridade! Que delicadeza em tudo o que podia vulnerar a inocência! Só tinham gosto nos trabalhos e não acertavam a conceber como podia um cristão achar em outra coisa suas delícias. Ocupava-lhes todo o tempo o pensamento da eternidade e não podiam compreender que um coração criado para Deus, capaz de amar a Deus, instruído no preceito particular e em todas as obrigações que tem de amar a Deus, se pudesse fixar em objeto algum criado nem se deixasse encher de uns bens aparentes que se perdem com a vida. O pensamento de uma infeliz eternidade para os réprobos e de uma eterna bem-aventurança para os predestinados estava sempre presente a sua memória. Daqui nascia aquele desgosto, aquele tédio que lhes causava o mundo e todas as suas máximas; daqui aquele ódio implacável a seu próprio corpo; daqui aquelas assombrosas penitências e aquele suspirar contínuo pela solidão. Isto foram os Santos: admiramo-nos do que foram; mas porventura deviam fazer menos para sê-lo? A maravilha fora se tivessem sido Santos fazendo o que nós fazemos, e se nós fôssemos Santos parecendo-nos tão pouco a eles.

Segundo ponto

Considera quão dessemelhantes somos nós daqueles grandes modelos. Quanta diferença de máximas, de costumes e de conduta! Quanta oposição entre nossa vida e a sua! Entre o caminho que nós levamos e o que os conduziu a eles à eterna bem-aventurança! Tendo sido eles humildes, castos, modestos, devotos, sofridos, apacíveis e mortificados, e vendo-nos a nós tão altivos, tão orgulhosos, tão indevotos, tão pecadores, tão impacientes e tão sensuais, reconhecer-nos-ão por irmãos seus? Que digo? Se se nos olha mais de perto, crer-se-á sequer que somos da mesma Religião que os Santos? Mas não se enganariam talvez os Santos, seguindo uma moral tão contrária à que nós seguimos? Ah, que nós mesmos conhecemos muito bem que, se eles tivessem seguido esta moral, jamais chegariam a ser Santos. Valha a verdade: quanta seria nossa admiração, quanto nosso assombro se, lendo a história de algum daqueles heróis cristãos, achássemos nele uma vida pouco dessemelhante à nossa: a mesma cobiça de interesse, a mesma ânsia de passatempos, a mesma ambição, o mesmo anelo a todas as suas comodidades, os mesmos ímpetos das paixões, o mesmo espírito do mundo e as mesmas fraquezas? Que imaginaríamos se, ao ler as vidas daquelas insignes mulheres que ao presente se nos propõem por modelos de virtude, nos encontrássemos com umas mulheres que gastavam muitas horas em vestir-se e em pentear-se; que passavam uma vida ociosa e regalada; que se divertiam muito bem e que raras vezes faltavam dos espetáculos profanos? Que pensaríamos daquelas pessoas religiosas que agora no-las propõem por objeto de veneração e de imitação, se lêssemos que quase nunca haviam feito outra coisa que sua própria vontade; que na Religião só andavam buscando suas comodidadezinhas e que se haviam dispensado como nós da maior parte de suas regras? Nesse caso, prosseguiríamos em tê-las por objeto digno de nossa veneração e de nosso culto? Estando, como estamos, bem instruídos nas grandes verdades de nossa Religião e nas máximas do Evangelho, persuadir-nos-íamos nunca de que aqueles haviam sido Santos? Que casta de santidade é esta (diríamos então com indignação) que nos vêm a apregoar uns homens tão imperfeitos como nós? Não é isto propriamente fazer rolar a ideia justa que todos temos da virtude cristã? Se pudesse alguém ser Santo entregando-se à profanidade, à licença e aos passatempos, tire-se-nos o Evangelho. A que propósito uma moral rígida, estreita e aparente, quando pode alguém ser Santo, quando se pode salvar a menos custo? E se depois de nossa morte desse a alguém vontade de escrever a história de nossa vida, cremos seriamente que se achariam muitos que nos tivessem por Santos? Pois como o queremos ser não mudando de conduta? Conta-se muito com a misericórdia do Senhor; está bem: nenhuns contaram mais com ela que os Santos; mas esta sua confiança os fez acaso mais descuidados ou menos penitentes?

Fazei, Senhor, que não me sejam sem proveito umas reflexões tão justas e tão importantes. Conheço o grande perigo em que estou; dai-me graça para não malograr o exemplo dos que devem servir-me de modelos.

Jaculatórias

Bem-aventurados os que se conservam inocentes e caminham com fidelidade pela lei santa do Senhor. (Sl 118.)

Dai-me, Senhor, entendimento, que eu meditarei vossa Lei e me dedicarei a guardá-la com todo o meu coração. (Ibid.)

Propósitos

1. O exemplo dos Santos fará o processo a todos os que têm a desgraça de perder-se. Serão os Santos umas testemunhas que, por assim dizer, se nos confrontarão, e sua declaração contra nós não sofrerá réplica. Eles eram homens como nós, sujeitos às mesmas paixões e às mesmas misérias que nós. Tiveram os mesmos estorvos que vencer, os mesmos inimigos que combater, e nós não temos nem distinto Evangelho nem diferentes mandamentos que guardar. Sabemos como viveram eles, e não ignoramos como vivemos nós. Nunca leias vida de algum Santo sem fazer alto nas reflexões que ela mesma te sugerir. Coteja tua vida com a sua e ouve as acusações que te faz esta monstruosa diferença, perguntando-te muitas vezes a ti mesmo se serás Santo vivendo como vives.

2. Sempre que leias a vida de algum Santo, propõe imitar alguma de suas virtudes e de suas particulares devoções. Nenhuma vida acharás, por extraordinária, por maravilhosa que seja, que não te ofereça alguma virtude a que com a divina graça possa chegar tua imitação. Pelo comum, ou muito regularmente, nas vidas dos Santos para-se a atenção no mais raro, no mais extraordinário: isto embeleza, isto suspende, e este é todo o fruto que se tira. Todo o contrário hás de praticar: para-te naquilo que é mais comum. Sua grande inocência, sua constante mortificação, sua vigilância em fugir todas as ocasiões de pecar, seu fervor, sua devoção à santíssima Virgem: estas são as virtudes que devemos imitar nas vidas dos Santos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:30 by Admin